

# INCURSÕES PLATÔNICAS DA AMBIVALÊNCIA PRAZER | DESPRAZER NA TEORIA PULSIONAL FREUDIANA

PLATONIC INTRUSIONS OF THE AMBIVALENCE PLEASURE / DISPLEASURE  
IN THE FREUDIAN INSTINCT THEORY

ANNA LUISA GOMES **SALDANHA**<sup>1</sup>  
PEDRO LIMA DE ALMEIDA **RIBEIRO**<sup>2</sup>  
SARUG DAGIR **RIBEIRO**<sup>3</sup>

**RESUMO:** O conceito de pulsão de morte é um dos mais complexos e controversos da obra freudiana. Sua gênese, a partir de suas fontes, leva-nos à filosofia, convocada para ajudar na explicação da enigmática ambivalência pulsional (prazer-desprazer). Pretende-se realizar um estudo sobre a ascendência filosófica do Filebo, de Platão, sobre a formação desse conceito. Nossos resultados apontam que o diálogo platônico esboça o que em psicanálise corresponde ao princípio prazer-desprazer na vida pulsional, apesar das óbvias divergências entre a metafísica platônica e a metapsicologia freudiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ambivalência; Desprazer; Freud; Platão; Prazer; Pulsão.

**ABSTRACT:** The concept of the death instinct is one of the most complex and controversial concepts of the Freudian work, whose history of the formation of this concept, from its sources, leads us to the philosophy, summoned to help in the explanation of the enigmatic pulsional ambivalence (pleasure-displeasure). It is intended to conduct a study on the philosophical ascendancy of Plato's Philebus on the formation of this concept. Our results point out that the Platonic dialogue sketches out what in psychoanalysis corresponds to the pleasure-displeasure principle in the instinctual life, despite the obvious divergences between Platonic metaphysics and Freudian metapsychology.

**KEYWORDS:** Ambivalence; Displeasure; Freud; Plato; Pleasure; Instinct.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende levantar no diálogo platônico *Filebo* um esboço metafísico daquilo que na metapsicologia psicanalítica freudiana corresponde ao princípio prazer-desprazer na vida pulsional. Esse propósito descortina a aproximação do *Filebo* (PLATÃO, 2012a) sobre a formação do conceito de pulsão de morte.

O desenvolvimento deste trabalho se divide em quatro seções: na primeira, apresentamos um breve panorama das modificações da teoria pulsional freudiana, partindo da pulsão sexual, perversa, polimorfa dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, [1905] 1996). Em seguida, abordamos o dualismo pulsional entre a libido do eu e a libido do objeto (FREUD, 1914 [1996]) para, enfim, chegar à pulsão de morte (FREUD, [1920] 1996), cuja força prevalente no conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte é o retorno ao inorgânico. Na segunda seção, apresentamos a distinção entre a metafísica platônica e a metapsicologia freudiana. Na terceira seção, selecionamos trechos do *Filebo* (PLATÃO, 2012a) em que se encontra o fenômeno da ambivalência prazer-desprazer. Na quarta seção, explicamos as congruências e as diferenças entre a ambivalência metafísica prazer-desprazer platônica e a ambivalência pulsional freudiana. À primeira vista, ambos os autores chegam a uma proposição semelhante sobre a natureza ambivalente do prazer, ou seja, o prazer sempre se orienta para o desprazer.

## BREVE PANORAMA DAS MODIFICAÇÕES NA TEORIA PULSIONAL FREUDIANA E A PROBLEMÁTICA DA AMBIVALÊNCIA

O caminho das modificações da teoria pulsional de Freud refaz passos importantes e decisivos na construção de sua metapsicologia, ou seja, seu pensamento vai se modificando ao longo do tempo. Sua primeira teoria pulsional foi elaborada no texto dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

(FREUD, [1905] 1996), em que aborda a pulsão sexual perversa polimorfa, presente no ser humano desde seu nascimento.

Alguns autores, como Laplanche (1985) consideram-na como uma teoria monista da pulsão. Por outro lado, há quem aponte nesse texto uma certa dualidade pulsional entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, [1914] 1996), vemos um esboço indubitável de um dualismo pulsional entre libido do eu e libido do objeto.

A libido do eu se esforça por centralizar a libido (energia psíquica) no eu, seu reservatório. Já a libido do objeto visa abandonar o eu em direção ao mundo, ao encontro de outros objetos do meio, pois, num certo sentido, “[...] toda criança nasce com fome do mundo” (BONAPARTE, 1948, p. 195, tradução nossa). Nas ocasiões de perda de um objeto investido libidinalmente, essa energia livre deve retornar ao eu, caso contrário pode levar a um estado psicopatológico, como na melancolia.

Em 1920, um novo dualismo pulsional será apresentado “[...] a partir da observação de repetições de situações e vivências de desprazer que a hipótese da pulsão de morte é construída” (NETO SILVA, 2014, p. 52). Nesse sentido, a compulsão à repetição será utilizada por Freud ([1920] 1996) para chegar à pulsão de morte, que sempre está misturada com a pulsão de vida. A psiquê humana é o produto dessas duas forças que se opõem.

Freud ([1920] 1996) toma estes três pontos centrais para a construção do conceito de pulsão de morte: a compulsão à repetição, a tendência regressiva das pulsões e o princípio de Nirvana. Ele é categórico ao afirmar que a “[...] aspiração mais universal de todo ser vivo é de retornar ao estado de repouso original do mundo inorgânico” (FREUD, [1920] 1996, p. 180).

No entanto, não fica claro, pelo menos nesse texto, se Freud vê o princípio de Nirvana como equivalente ao princípio de prazer, nem qual a relação desses dois com o princípio de constância. Segundo o autor, “[...] o princípio de prazer deriva do princípio de constância, embora, na realidade, o princípio de constância tenha sido, ele mesmo,

inferido dos fatos que nos levaram a adotar a hipótese do princípio de prazer” (FREUD, [1920] 1996, p. 136).

Por outro lado, “[...] também encontramos a indicação de que o princípio de prazer é uma modificação do princípio de Nirvana provocada pela ação da libido” (NETO SILVA, 2014, p. 80). Pretendemos detalhar não essa série de questões, mas o mais importante na formação das três hipóteses pulsionais freudianas. O que mais nos interessa nesse artigo é a ambivalência como fato primordial na tessitura das pulsões.

De acordo com Bonaparte (1948, p. 171, tradução nossa), “Freud atribui a manifestação mais exaltada da ambivalência à paixão genital [...] a ambivalência é um fato primordial, elementar da vida afetiva humana”. Assim, a ambivalência pulsional (pulsão de vida *versus* pulsão de morte) é um dinamismo irreduzível que constitui à primeira vista a mesma base do fenômeno prazer-desprazer tal como se apresenta no *Filebo*, de Platão. E são essas congruências e divergências que veremos no decurso das seções seguintes.

## METAPSIKOLOGIA FREUDIANA E METAFÍSICA PLATÔNICA

Devido à disparidade conceitual e teórica entre os dois autores acerca do termo “prazer”, serão apresentados nesta seção aspectos da metafísica platônica e da metapsicologia freudiana com o propósito de clarificar a metodologia. Esse percurso é necessário para não cairmos na armadilha de confundir metafísica e metapsicologia, salvaguardando, assim, suas diferenças. Só depois de fazer essa distinção é que refletimos, na seção posterior, sobre uma possível incursão platônica na tessitura pulsional freudiana.

A metapsicologia não é uma espécie de mundo paralelo, ou ideal, ao qual estamos em oposição, mas trata-se da fundamentação dos processos psíquicos. Como exemplo podemos citar o próprio conceito de pulsão que se manifesta no sujeito, cuja existência não podemos negar, apesar de não ser passível de demonstração empírica.

Freud ([1933] 1996, p. 98) faz uma analogia da sua teoria pulsional com a tradição mitológica.

A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente.

A metapsicologia freudiana se apoia claramente numa base metafísica e, mesmo assim, não pode ser dita metafísica. Isso seria um erro conceitual e categorial. O que é relevante aqui é demonstrar como a metafísica é um precedente da metapsicologia freudiana, que talvez possa ser considerada como uma metafísica epistemológica, que no campo da psiquê veio a ser metapsicologia que congrega a dimensão empírica, prática (medicina/biologia) e a dimensão especulativa ou filosófica (ASSOUN, 1978).

Freud ([1915] 1996, p. 186) propõe que, “[...] quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmicos, topográficos e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica”.

Contudo, segundo Assoun (1978), Freud não abre mão da possibilidade especulativa da filosofia em detrimento do determinismo presente no campo médico. Diante disso, a metafísica “[...] evidencia o estatuto misto do regime epistêmico da própria psicanálise. Contra a oposição determinada da medicina, a filosofia é introduzida como um recurso legitimamente esperado” (ASSOUN, 1978, p. 65). O ponto é que a metapsicologia parte de um pressuposto metafísico para fundamentar algo que não é dessa ordem, fato que não implica dizer que são a mesma coisa.

## TEORIA DO PRAZER/DESPRAZER EM PLATÃO NO FILEBO

Nesta seção não pretendemos demonstrar estritamente a teoria platônica do prazer, tema extenso que fugiria aos nossos propósitos. Entretanto, realizamos uma tentativa de aproximá-la da teoria pulsional freudiana. Nossa hipótese é que

tanto Freud quanto Platão admitem a ambivalência prazer-desprazer.

Embora Platão (2012a) não tenha falado em desprazer, ele contrapõe, insistentemente, o prazer ao pensamento, que não parece se apresentar em nenhum momento como uma forma de obtenção de prazer, nem mesmo dos prazeres puros, que serão definidos adiante. Essa contraposição nos permite falar em ambivalência na teoria do filósofo grego.

Segundo Monzani (2005, p. 162), Platão dividia os prazeres em puros e impuros:

[...] os primeiros são aqueles perfeitos no seu gênero (como os da vista, da audição, do odor), que são bons e benéficos para o sujeito, e Platão, no *Filebo*, os acolhe como partes integrantes da vida feliz. Já os prazeres impuros são aqueles que estão sujeitos ao excesso, à falta de limite, ao descontrole. São aqueles obtidos por meio das satisfações gustativas ou sexual.

Ainda segundo o autor, o modelo platônico do prazer é do tipo alimentar, digestivo, muito próximo do esquema vazio-repleção que se renova incessantemente, em que o indivíduo se entrega aos prazeres. Contudo, a forma do prazer que nos é interessante aqui é a segunda, que parece se aproximar mais diretamente das ideias freudianas “[...] se também quiséssemos ver o gênero do prazer e qual a sua natureza, deveríamos lançar o olhar não para os prazeres mais fracos, mas para os que são tidos como os mais extremos e os mais intensos” (PLATÃO, 2012a, p. 135).

Essa aproximação fica mais evidente no trecho a seguir, em que Platão (2012a, p. 203) também se refere a essa forma de prazer libidinal:

[...] quando vemos alguém, seja quem for, entregando-se aos prazeres, sobretudo os maiores, e observamos o ridículo ou vergonhoso que sempre os acompanha, nós mesmos também sentimos vergonha e procuramos afastá-los da visão dos outros, escondendo-os o mais possível, confiando-os todos eles à noite apenas, como se a luz do dia não devesse vê-los.

Nessa passagem, o prazer se apresenta como algo que deve ser reprimido, escondido e como

motivo de vergonha e condenação. Essa é uma fala de Protarco, em um momento do diálogo em que buscava pelo bem, naquilo que Platão (2012a) chamou de mistura entre os prazeres e o conhecimento. Contudo, o prazer sempre foi tomado como inferior ao conhecimento entre as três formas pelas quais o bem deve ser capturado, quais sejam, beleza, proporção e verdade.

Protarco se referia à comparação entre prazer e beleza, justificando na maneira como a beleza se relaciona mais com o conhecimento, pois em geral os prazeres são vergonhosos; em relação à proporção, o prazer não tem vantagem, pois é desmedido; finalmente, a verdade se aproxima da inteligência, visto que os prazeres podem ser enganosos.

A ambivalência freudiana se movimenta em direção a uma sobreposição do controle sobre o princípio de prazer, assim como em Platão eles devem ser reprimidos. A repressão do prazer, conforme esses autores, significa não o seu abandono por completo, mas uma espécie de proporção que é pensada nesse momento.

Em Platão (2012a, p. 123) essa ambivalência fica evidente ao afirmar que “[...] as dores e os prazeres coexistem lado a lado, simultaneamente [...] embora sejam coisas opostas, elas fazem surgir sensações, ao mesmo tempo, simultâneas e paralelas”. Essa é uma das poucas passagens em que os prazeres se contrapõem a algo diferente do conhecimento, caso em que as dores podem ser mais diretamente ligadas ao desprazer de Freud ([1920] 1996).

## POSSÍVEIS CAMINHOS DA DUBIEDADE PRAZER- DESPRAZER DE PLATÃO NA AMBIVALÊNCIA PULSIONAL EM PSICANÁLISE

A proximidade entre os dois autores se refere às descrições da essencial ambivalência prazer-desprazer que ocorre, por um lado, na descrição do movimento pulsional freudiano e, por outro lado, na natureza do prazer platônico. Freud



([1920] 1996) emprega hipóteses e argumentos muito próximos dos de Platão (2012a), tais como as tendências à dissolução e ao aniquilamento, de retorno ao estado inorgânico, fazendo oposição à tendência à preservação da vida.

Freud ([1920] 1996), na sua terceira teoria pulsional, na qual elabora o conceito de pulsão de morte, faz menção a uma passagem de *O banquete* (PLATÃO, 2012b) na qual Alcibíades deseja a morte de Sócrates, em que o autor discute longamente a respeito do problema da ambivalência do amor.

Para Assoun (1978, p. 136), o mito de *O banquete* é central nesse texto freudiano, pois, “[...] é Platão quem constitui o primeiro grande polo referencial da história da filosofia no discurso freudiano”.

E o diálogo platônico que mais próximo trata da questão do prazer-desprazer é o *Filebo* (PLATÃO, 2012), em que é apresentada a problemática da ambivalência prazer-desprazer. Por isso, nossa escolha metodológica de trabalhar com tal texto platônico e suas reverberações na obra freudiana.

Uma disparidade conceitual entre Freud e Platão é um grande obstáculo que enfrentamos na confecção de um artigo como este. O primeiro, que se remete tanto a Schopenhauer, não faz referência ao grande filósofo grego Platão. Porém, enquanto o esquece, chama a filosofia como um todo para responder ao seu problema da sensação de prazer-desprazer.

Segundo Monzani (2005, p. 162) a diferença entre o modelo platônico (vazio-repleção) é diferente do modelo freudiano do prazer. “Freud não distingue dois tipos de prazeres, os perfeitos e os imperfeitos; todos, para ele, existem na forma do movimento”. Portanto, o modelo freudiano seria o inverso do platônico, isto é, repleção-vazio. Isso se explica na medida em que o funcionamento do aparelho psíquico se dá mediante a consciência, que fornece percepções de excitações que vêm do exterior e das sensações de prazer ou desprazer que se originam do interior do aparelho psíquico. Esse sistema é capaz de se proteger dos excessos de tensão, que serão descarregados pela via motora

ou pela própria agressividade (FREUD, [1923] 1996).

Poderíamos chamar de traumáticas as excitações externas que sejam fortes o bastante para romper com o escudo protetor. Com esse rompimento, o princípio de prazer é colocado fora de ação e, nas palavras do próprio Freud ([1920] 1996, p. 154), “[...] já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundem o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o psiquicamente para poder então processá-lo”. Daí o esquema freudiano da repleção-vazio, em que a pulsão seria uma força impelente interna ao organismo vivo, que visa o restabelecimento de um estado anterior à influência de forças perturbadoras externas.

Parece-nos relevante o chamado à filosofia que Freud ([1920] 1996, p. 17) faz para pensar a ambivalência prazer-desprazer:

A prioridade e a originalidade não se encontram entre os objetivos que o trabalho psicanalítico estabelece para si, e as impressões subjacentes à hipótese do princípio de prazer são tão evidentes, que dificilmente podem ser desprezadas. Por outro lado, prontamente expressaríamos nossa gratidão a qualquer teoria filosófica ou psicológica que pudesse informar-nos sobre o significado dos sentimentos de prazer e desprazer que atuam tão imperativamente sobre nós. Contudo, quanto a esse ponto, infelizmente nada nos é oferecido para nossos fins.

Freud não leva em consideração o desenvolvimento de Platão sobre o tema do prazer,<sup>4</sup> o que é compreensível devido ao modo como cada um enfoca o tema no que tange à natureza e à origem. Ainda assim, é possível pensar em uma aproximação dos dois, especialmente no que diz respeito a uma vida que só faz sentido em sua ambivalência ou, nos termos do filósofo grego, em sua mistura de prazer e conhecimento e, no vocabulário psicanalítico, princípio de prazer e princípio de realidade.

Em suma, a pulsão sexual contém um componente destrutivo e, por esse motivo, tem um

caráter ambivalente. Tal como Platão (2012a) já havia dito, certa quantidade de desprazer está contida em toda a experiência de prazer. Embora, Freud ([1920] 1996) não pareça ter sido inspirado pelas ideias do *Filebo*, também não está clara a real extensão dessa possível aproximação. Talvez nem o próprio Freud estivesse ciente disso.

## CONCLUSÃO

Feito todo esse percurso comparativo da ambivalência prazer-desprazer em Freud e Platão, lançamos nova luz sobre o primeiro ao analisar os argumentos, que do nosso ponto de vista, estão muito próximos do platônico e que provavelmente

serviram de base para a construção da essencial ambivalência pulsional.

Apesar das evidentes limitações de nossa pesquisa, nos sentiremos satisfeitos se nossos esforços trouxerem mais clareza sobre a compreensão da essencial ambivalência pulsional, assunto tão complexo quanto o próprio conceito de pulsão.

Não restam dúvidas de que uma pesquisa desse tipo, que combina estudo filosófico e reflexão psicanalítica, pode gerar muitos ganhos para o nosso entendimento não só de um conceito isolado, mas também da maneira não linear com que são produzidos os avanços na teoria psicanalítica.



## REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- BONAPARTE, M. De l'essentielle ambivalence d'Eros. *Revue Française de Psychanalyse*. Paris, v. 12, n. 2, p. 167-212, 1948.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-75. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual (1933). In: \_\_\_\_\_. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933 [1932]). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-134. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-54. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. O inconsciente (1915) In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico*. Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 191-234. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. *História do movimento psicanalítico*. Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 89-120. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria e três ensaios sobre a sexualidade*. Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 129-238. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MONZANI, L. R. O paradoxo do prazer em Freud. In: FULGÊNCIO, L.; SIMANKE, R. T. Freud na filosofia brasileira. São Paulo: Escuta, 2005. p. 159-167.

NETO SILVA, M. V. *A construção da pulsão de morte freudiana: um estudo histórico da formação do conceito a partir de suas fontes*. Montes Claros: Unimontes, 2014.

PLATÃO. *Filebo*. Tradução de Fernando Muniz. São Paulo: Loyola, 2012a.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução de José C. de Souza. São Paulo: EDIPRO, 2012b.

## NOTAS

1. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
E-mail: annaluisabhz14@gmail.com.
2. Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
E-mail: pedrolima.ar@gmail.com.
3. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em teoria da literatura, psicóloga clínica e psicanalista.  
E-mail: sdagir@gmail.com.
4. Na obra platônica *Filebo*, à qual nos dedicamos aqui, não é expressamente dito 'desprazer', como empregamos na ambivalência prazer/dsprazer. Trata-se de falsos prazeres. Cf. seção sobre a Teoria do prazer/dsprazer em Platão no *Filebo*.